

A Revelação de Deus

50-73



INTRODUÇÃO

Depois de constatar que o homem busca Deus, o Catecismo introduz o tema da Revelação divina. A ordem desses temas (a busca do homem e a revelação divina) não é casual: a busca do homem alcança o seu objetivo porque o próprio Deus vem ao encontro do homem. Sem essa iniciativa divina, o encontro com Deus não seria possível, pois este “habita em luz inacessível”.

A Revelação é mais do que comunicação de leis, de preceitos e de informações. Deus, em sua bondade e condescendência, se aproxima para se revelar e se doar ao homem e para lhe revelar o seu desígnio de salvação. A revelação divina é autorrevelação e autodoação.

Atenção aos termos **autorrevelação** e **autodoação**.

O que Deus revela não é algo alheio ao próprio Deus. O objeto da revelação não é primeiramente um conjunto de ideias e de doutrinas, mas é o próprio Deus: Ele mesmo se revela. Assim o sujeito e o objeto da revelação coincidem. Por isso usa-se o termo **autorrevelação**. Revelação não é mera comunicação de proposições e mensagens. Se fosse só isso, bastaria para Deus usar o e-mail ou o facebook. A revelação divina, porém, é a comunicação da própria vida de Deus. Ao se revelar, Deus se comunica a si mesmo ao homem. O que Deus dá na sua revelação é a si mesmo. Por isso diz-se que a revelação é **autodoação**.

O trecho que vamos estudar juntos trata também da pedagogia divina de salvação. O homem deseja encontrar Deus, e Deus quer estabelecer com o homem uma relação de intimidade e de comunhão de vida. Mas esse encontro entre Deus e o homem não se dá como uma imposição ou uma ação que invade e destrói a dignidade humana. Deus tampouco quer que a relação com Ele seja uma absorção ou assimilação da nossa humanidade. A comunhão com Deus não consiste na diminuição da nossa humanidade. Pelo contrário, é a plena realização de suas aspirações mais autênticas e verdadeiras.

Para que a salvação divina tenha, de fato, essa forma de realização humana, Deus segue uma pedagogia.

A pedagogia divina indica o modo respeitoso e amoroso com que Deus “conquista” o coração humano em vista de uma comunhão plena de vida. Seguindo essa pedagogia salvadora, Deus age com grande respeito e delicadeza em relação ao homem. Pedagogia divina significa que Deus procura se adaptar ao homem a fim de fazer com que este se torne familiar a Ele.

Uma vez que o homem não é espírito puro, a familiaridade com Deus não é algo que se realiza de modo instantâneo. Sendo ele um ser histórico e social, a pedagogia divina salvadora inclui um desenvolvimento histórico, feito de etapas (as alianças com Noé, Abraão, Moisés e em Cristo), e a constituição de uma humanidade unida e reconciliada (a unidade de todo o gênero humano).

Por fim, o catecismo faz a distinção entre Revelação pública e revelações privadas e explana a relação que há entre elas.

Certamente você já deve ter ouvido falar de aparições de Nossa Senhora e de videntes que afirmam ter recebido uma mensagem divina para o povo. Como distinguir as aparições e revelações autênticas e verdadeiras das manipulações e dos fenômenos de histeria coletiva? Lendo os parágrafos 66 e 67, você terá critérios seguros e claros para esse delicado discernimento.

TEXTO 50-73

CAPÍTULO SEGUNDO

DEUS VEM AO ENCONTRO DO HOMEM



DEUS VEM AO ENCONTRO DO HOMEM

50. Pela razão natural, o homem pode conhecer Deus com certeza, a partir das suas obras. Mas existe outra ordem de conhecimento, que o homem de modo nenhum pode atingir por suas próprias forças: a da Revelação divina. Por uma vontade absolutamente

livre, Deus revela-Se e dá-Se ao homem. E fá-lo revelando o seu mistério, o desígnio benevolente que, desde toda a eternidade, estabeleceu em Cristo, em favor de todos os homens. Revela plenamente o seu desígnio, enviando o seu Filho bem-amado, nosso Senhor Jesus Cristo, e o Espírito Santo.

ARTIGO 1



I. Deus revela o seu «desígnio benevolente»

51. «Aprove a Deus, na sua sabedoria e bondade, revelar-Se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tomam participantes da natureza divina».

52. Deus, que «habita numa luz inacessível» (1Tm 6,16), quer comunicar a sua própria vida divina aos homens que livremente criou, para fazer deles, no seu Filho único, filhos adotivos. Revelando-Se a Si mesmo, Deus quer tornar os homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito além de tudo o que seriam capazes por si próprios.

53. O desígnio divino da Revelação realiza-se, ao mesmo tempo, «por meio de ações e palavras, intrinsecamente relacionadas entre si» e esclarecendo-se mutuamente. Comporta uma particular «pedagogia divina»: Deus comunica-Se gradualmente ao homem e prepara-o, por etapas, para receber a Revelação sobrenatural que faz de Si próprio e que vai culminar na Pessoa e missão do Verbo encarnado, Jesus Cristo.

Santo Ireneu de Lião fala várias vezes desta pedagogia divina, sob a imagem da familiaridade mútua entre Deus e o homem: «O Verbo de Deus [...] habitou no homem e fez-Se Filho do Homem, para acostumar o homem a apreender Deus e Deus a habitar no homem, segundo o beneplácito do Pai».

II. As etapas da Revelação

DESDE A ORIGEM, DEUS DÁ-SE A CONHECER

54. «Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo, oferece aos homens um testemunho perene de Si mesmo nas coisas criadas, e, além disso, decidindo abrir o caminho da salvação sobrenatural, manifestou-se a Si mesmo, desde o princípio, aos nossos primeiros pais». Convidou-os a uma comunhão íntima consigo, revestindo-os de uma graça e justiça resplandecentes.

55. Esta Revelação não foi interrompida pelo pecado dos nossos primeiros pais. Com efeito, Deus, «depois da sua queda, com a promessa de redenção, deu-lhes a esperança da salvação, e cuidou continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação».

«E quando, por desobediência, perdeu a vossa amizade, não o abandonastes ao poder da morte [...] Repetidas vezes fizestes aliança com os homens».

A ALIANÇA COM NOÉ

56. Desfeita a unidade do gênero humano pelo pecado, Deus procurou imediatamente, salvar a humanidade intervindo com cada uma das suas partes. A aliança com Noé, a seguir ao dilúvio, exprime o princípio da economia divina em relação às «nações», quer dizer, em relação aos homens reagrupados «por países e línguas, por famílias e nações» (Gn 10,5).

57. Esta ordem, ao mesmo tempo cósmica, social e religiosa da pluralidade das nações, destinava-se a limitar o orgulho duma humanidade decaída, que, unânime na sua perversidade, pretendia refazer por si mesma a própria unidade, à maneira de Babel. Mas, por causa do pecado, quer o politeísmo quer a idolatria da nação e do seu chefe são uma contínua ameaça de perversão pagã a esta economia provisória.

58. A aliança com Noé permanece em vigor enquanto durar o tempo das nações, até à proclamação universal do Evangelho. A Bíblia venera algumas grandes figuras das «nações», como «o justo Abel», o rei e sacerdote Melquisedec, figura de Cristo, ou os justos «Noé, Daniel e Jó» (Ez 14,14). Deste modo, a Escritura exprime o alto grau de santidade que podem atingir os que vivem segundo a aliança de Noé, na expectativa de que Cristo «reúna, na unidade, todos os filhos de Deus dispersos» (Jo 11,52).

DEUS ELEGE ABRAÃO

59. Para reunir a humanidade dispersa, Deus escolhe Abrão, chamando-o para «deixar a sua terra, a sua família e a casa de seu pai» (Gn 12,1), para fazer dele “Abraão”, quer dizer, «pai de um grande número de nações» (Gn 17,5): «Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra» (Gn 12,3).

60. O povo descendente de Abraão será o depositário da promessa feita aos patriarcas, o povo eleito, chamado a preparar a reunião, um dia, de todos os filhos de Deus na unidade da Igreja. Será o tronco em que serão enxertados os pagãos tornados crentes.

61. Os patriarcas, os profetas e outras personagens do Antigo Testamento foram, e serão sempre, venerados como santos em todas as tradições litúrgicas da Igreja.

DEUS FORMA O SEU POVO ISRAEL

62. Depois dos patriarcas, Deus formou Israel como seu povo, salvando-o da escravidão do Egito. Concluiu com ele a aliança do Sinai e deu-lhe, por Moisés, a sua Lei, para que Israel O reconhecesse e O servisse como único Deus vivo e verdadeiro, Pai providente e justo Juiz, e vivesse na expectativa do Salvador prometido.

63. Israel é o povo sacerdotal de Deus, sobre o qual «foi invocado o Nome do Senhor» (Dt 28,10). É o povo daqueles «a quem Deus falou em primeiro lugar», o povo dos «irmãos mais velhos» na fé de Abraão.

64. Pelos profetas, Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa duma aliança nova e eterna, destinada a todos os homens, e que será gravada nos corações. Os profetas anunciam uma redenção radical do povo de Deus, a purificação de todas as suas infidelidades, uma salvação que abrangerá todas as nações. Serão

sobretudo os pobres e os humildes do Senhor os portadores desta esperança. As mulheres santas como Sara, Rebeca, Raquel, Miriam, Débora, Ana, Judite e Ester conservaram viva a esperança da salvação de Israel. Maria é a imagem puríssima desta esperança.

III. Jesus Cristo – «Mediador e plenitude de toda a Revelação»

NO SEU VERBO, DEUS DISSE TUDO

65. «Muitas vezes e de muitos modos falou Deus antigamente aos nossos pais, pelos Profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos pelo seu Filho» (Hb 1,1-2). Cristo, Filho de Deus feito homem, é a Palavra única, perfeita e insuperável do Pai.

N'Ele, o Pai disse tudo. Não haverá outra palavra além dessa. São João da Cruz, após tantos outros, exprime-o de modo luminoso, ao comentar Hb 1,1-2:

«Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra – e não tem outra – (Deus) disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única e já nada mais tem para dizer. [...] Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora d'Ele outra realidade ou novidade».

JÁ NÃO HAVERÁ OUTRA REVELAÇÃO

66. «Portanto, a economia cristã, como nova e definitiva aliança, jamais passará, e já não se há de esperar nenhuma nova revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo». No entanto, apesar de a Revelação já estar completa, ainda não está plenamente explicitada. E está reservado à fé cristã apreender gradualmente todo o seu alcance, no decorrer dos séculos.

67. No decurso dos séculos tem havido revelações ditas «privadas», algumas das quais foram reconhecidas pela autoridade da Igreja. Todavia, não pertencem ao depósito da fé. O seu papel não é «aperfeiçoar» ou «completar» a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente, numa determinada época da história. Guiado pelo Magistério da Igreja, o sentir dos fiéis sabe discernir e guardar o que nestas revelações constitui um apelo autêntico de Cristo ou dos seus santos à Igreja.

A fé cristã não pode aceitar «revelações» que pretendam ultrapassar ou corrigir a Revelação de que Cristo é a plenitude. É o caso de certas religiões não-cristãs, e também de certas seitas recentes fundadas sobre tais «revelações».

Resumindo:

68. *Por amor, Deus revelou-Se e deu-Se ao homem. Dá assim uma resposta definitiva e superabundante às questões que o homem se põe a si próprio sobre o sentido e o fim da sua vida.*

69. *Deus revelou-Se ao homem, comunicando-lhe gradualmente o seu próprio mistério, por ações e por palavras.*

70. *Além do testemunho que dá de Si mesmo através das coisas criadas, Deus manifestou-Se a Si próprio aos nossos primeiros pais. Falou-lhes e, depois da queda, prometeu-lhes a salvação e ofereceu-lhes a sua aliança.*

71. *Deus concluiu com Noé uma aliança eterna entre Si e todos os seres vivos. Essa aliança durará enquanto durar o mundo.*

72. Deus escolheu Abraão e concluiu uma aliança com ele e os seus descendentes. Fez deles o seu povo, ao qual revelou a sua Lei por meio de Moisés. E preparou-o, pelos profetas, a acolher a salvação destinada a toda a humanidade.

73. Deus revelou-Se plenamente enviando o seu próprio Filho, no qual estabeleceu a sua aliança para sempre. O Filho é a Palavra definitiva do Pai, de modo que, depois d'Ele, não haverá outra Revelação.

REVISANDO TEMAS

1. A Revelação Divina

A Revelação é a característica peculiar da nossa fé cristã. De fato, o cristianismo não é mera religião formada de ritos, mitos e normas morais, tampouco é religião do livro. O cristianismo vive da experiência histórica da manifestação pessoal de Deus (=Revelação).

Leitura complementar

Aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério de sua vontade (cf. Ef 1,9), pelo qual os homens por intermédio do Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Pd 1,4). Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm 1,17), levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15), e com eles se entretém (cf. Bar 3,38) para convidar à comunhão consigo e nela os receber. Este plano de revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na história da salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. Estas por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido. No entanto, o conteúdo profundo da verdade seja a respeito de Deus seja da salvação do homem se nos manifesta por meio dessa revelação em Cristo que é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação (DV 2).

A revelação é uma atividade pessoal de Deus. Não é uma ação necessária ou um processo involuntário de Deus, como uma emanção. Como ação pessoal, Deus empenha seu próprio ser e inclui a si mesmo na revelação. Além disso, a revelação é um gesto de amor no qual o Deus transcendente condescende para se fazer próximo do homem e para o chamar à comunhão consigo.

Ao mesmo tempo que se revela a si mesmo, Deus manifesta ao homem o seu desígnio de salvação. A revelação é uma verdade e uma realidade salvadora.

Deus se dirige ao homem num diálogo de amor. Esta revelação, que procede do amor de Deus, persegue também uma obra de amor: Deus quer que o homem se introduza na sociedade de amor que é a Trindade. Pela revelação, Deus vence a *distância infinita* que separa o Criador da criatura. O Altíssimo, o Transcendente se torna *próximo*, o Deus conosco, o Emanuel. Deus sai de seu mistério, *condescende* e se torna presente ao homem para estabelecer com este uma relação de salvação e de amizade. Essa ação é designada por este termo: “revelação”.

O plano da salvação de Deus consiste em fazer com que a pessoa humana participe da natureza divina e receba a filiação divina. O ser “capaz de Deus” acede assim a uma nova ordem do ser: ele é chamado por Deus a ser mais do que ele é.

A revelação não se apresenta como um fenômeno isolado ou pontual, mas como uma **economia**, isto é, como o amplo e misterioso desígnio que Deus persegue e vai realizando através dos séculos e dos milênios, por caminhos que só ele conhece. Deus sai de seu mistério e entra na história.

Atenção ao termo!

Economia: é o plano de salvação de Deus para a humanidade. Esse plano foi revelado através da criação e, sobretudo, através da redenção realizada em Jesus Cristo (Ef 1,10; 3,9).

A intenção de amor da Revelação divina se torna mais clara pelo fato de o homem ser uma *criatura inimiga* que dEle se afastou. Pela amizade e pelo amor, Deus se aproxima de uma criatura que se revoltara contra ele. Ainda mais. Leva sua condescendência até ao ponto de *assumir* a própria condição dessa criatura. Faz-se Deus solidário com o homem até ao ponto de *se encarnar*, para atingir o homem em seu próprio nível.

A intenção de amor da Revelação divina se manifesta não só no *fato* da revelação, mas também no próprio *objeto*. O objeto da comunicação divina não são apenas verdades religiosas, mas principalmente o segredo da própria vida divina, principalmente o mistério da Trindade. O segredo divino por excelência é o *segredo da intimidade divina*, conhecido somente das Pessoas divinas. “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, nem ninguém conhece o Pai senão o Filho” (Mt 11,27); “ninguém conhece os segredos de Deus, senão o Espírito de Deus”(1Cor 2,11). Revelando esse segredo, Deus inicia o homem no que há de mais íntimo em si mesmo: o mistério de sua vida, o coração de sua subsistência pessoal. E Deus não pode revelar esse segredo de sua vida a não ser a alguém que lhe esteja unido pela amizade, ou a alguém a quem ele se queira unir pela amizade. Convidando-nos a mais *surpreendente amizade*, a revelação da Trindade se nos apresenta como um começo de participação na vida divina e constitui uma *doação* de Deus ao homem. A revelação é uma *autodoação*.

Deus leva ao *excesso do amor* essa doação que de si mesmo faz ao homem pelo *sacrifício de Cristo na cruz*. Na paixão, Cristo leva à plenitude a caridade que viera significar. Alcançamos assim a perfeição do mistério da Palavra que se doa. A Palavra articulada torna-se Palavra imolada. Cristo, na cruz, *manifesta* a caridade do Pai até o grito inarticulado no qual tudo se diz plenamente. A *Palavra de Deus se esgota até o silêncio*. A palavra de amor entregou-se inteiramente aos homens na cruz.

Leitura complementar

A missão de Jesus se cumpre no Mistério Pascal: vemo-nos colocados diante da “Palavra da cruz” (cf. 1Cor 1,18). O Verbo emudece, torna-se silêncio de morte, porque Se «disse» até calar, nada retendo do que nos devia comunicar (...). Como mostra a cruz de Cristo, Deus fala também por meio do seu silêncio. O silêncio de Deus, a experiência da distância do Pai é etapa decisiva no caminho terreno do Filho de Deus, Palavra encarnada (...). Suspenso no madeiro da cruz, o sofrimento que Lhe causou tal silêncio o fez lamentar: “Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?” (Mc 15,34; Mt 27,46). Avançando na obediência até ao último respiro, na obscuridade da morte, Jesus invocou o Pai (...). Esta experiência de Jesus é sintomática da situação do homem que, depois de ter escutado e reconhecido a Palavra de Deus, deve confrontar-se também com o seu silêncio (VD 26-29).

2. As etapas da Revelação

Deus realiza o seu plano de salvação segundo uma pedagogia que é atestada na Bíblia. Nela encontramos a narrativa das etapas da Revelação. Depois da queda, Deus propôs e estabeleceu a aliança com a humanidade.

Deus firmou com a humanidade, representada por Noé, um pacto de amizade (cf. Gn 9,8-17). Essa **aliança com Noé** indica que Deus se faz presente, de vários modos, não só nos indivíduos (no coração das pessoas, no recesso de sua consciência), mas também nos povos: nas suas culturas, nas suas tradições, nas suas instituições, nas suas riquezas espirituais, nas suas religiões. Deus está presente e age pessoalmente não apenas nos indivíduos, mas também na sociedade e na sua história, nos seus ideais mais nobres e nas iniciativas de bem da humanidade agrupada em línguas, povos e nações.

Noé representa também a aspiração por uma identidade radical, fundamental e determinante de toda a humanidade. Mesmo que haja a pluralidade de nações, a Aliança com Noé é a promessa de uma unidade radical de toda a humanidade que revele que as diferenças não levam necessariamente à separação e à guerra, mas podem enriquecer a comunhão e a unidade. Por isso ela dura enquanto dura o tempo das nações.

A Aliança com Noé pode conduzir a um alto grau de santidade, mas pode também ser pervertida pelo pecado. Nesse sentido, “afirmar que as outras tradições religiosas contêm elementos de graça não significa, no entanto, que tudo nelas seja fruto da graça. O pecado age no mundo e por isso as tradições religiosas, malgrado o seu valor positivo, refletem também os limites do espírito humano que às vezes está inclinado a escolher o mal. Uma abordagem aberta e positiva das outras religiões não autoriza, portanto, a fechar os olhos para as contradições que podem existir entre elas e a revelação cristã. Quando necessário, é preciso reconhecer que há incompatibilidade de certos elementos essenciais da religião cristã com alguns aspectos dessas tradições” (DA, 31).

A **Aliança com Abraão e Moisés** marca um salto qualitativo nessa presença e ação pessoal de Deus em um povo que Ele escolhe para si. Essa Aliança tem uma grande importância para os cristãos, pois ela indica que a Igreja e Israel não estão ligados por laços étnicos ou nacionais, mas por uma relação de união espiritual. De fato, o povo que tem sua origem em Abraão é a raiz onde são enxertados os pagãos tornados crentes pela graça de Cristo.

Leitura complementar

Perscrutando o mistério da Igreja, o sagrado Concílio recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente unido à linhagem de Abraão. A Igreja de Cristo reconhece, com efeito, que os primórdios da sua fé e da sua eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos Patriarcas, em Moisés e nos Profetas. Afirma que todos os fiéis de Cristo, filhos de Abraão segundo a fé, estão incluídos na vocação deste Patriarca e que a salvação da Igreja está misteriosamente prefigurada no êxodo do povo eleito da terra da servidão. Eis porque a Igreja não pode esquecer que recebeu a Revelação do Antigo Testamento por meio daquele povo com quem Deus, na sua inefável misericórdia, se dignou estabelecer a Antiga Aliança, como não pode esquecer que se alimenta da raiz da boa oliveira, na qual foram enxertados os ramos da oliveira selvagem que são os gentios (cf. Rm 11,17-24). A Igreja crê, de fato, ter Cristo, nossa paz, reconciliado os judeus e os gentios pela cruz, fazendo dos dois uma só coisa nele (cf. Ef 2,14-26) (NA 4).

A união espiritual da Igreja Católica com Israel se dá por diversas razões.

- Primeiramente a Igreja reconhece que está presente já no chamado divino feito aos Patriarcas e na Aliança de Deus com Abraão.
- Em segundo lugar, a união espiritual se verifica no êxodo (que é o evento fundador da Aliança), cujo significado e efeito não dizem respeito somente a Israel, mas assinala o início da salvação que Cristo realizou e, por isso, inclui a Igreja.
- Uma vez que os dons de Deus são sem arrependimento, a Igreja reconhece, em terceiro lugar, que é devedora de Israel porque dele recebeu a revelação veterotestamentária. Em relação ao AT, a Igreja sente que tanto se apropria dela, quanto é acolhida nela. Em outras palavras, os cristãos se sentem destinatários da revelação veterotestamentária e, contemporaneamente, se veem inseridos e mergulhados nela.
- A união espiritual, por fim, está fundada na reconciliação e na paz que Cristo estabeleceu pela sua cruz entre os judeus e os gentios, derrubando o muro de separação e fazendo dos dois uma só coisa nele.

A partir dessa união espiritual, que vincula Israel e a Igreja, podemos estabelecer alguns princípios que guiam o diálogo com os nossos irmãos mais velhos.

1. Encontramos no AT a prefiguração da Igreja em Israel que é seu protótipo e modelo estrutural. Assim o que é Israel e o que ele é chamado a ser diz respeito também à Igreja.

2. O desígnio salvador de Deus é um só, por isso não há somente continuidade, mas até identidade entre o Israel de Deus e a Igreja de Cristo. A vontade de Deus é a de formar o único Povo de Deus, no qual os cristãos foram enxertados. Assim os cristãos leem o AT conscientes de que trata do único *Corpus Ecclesiae* (Corpo da Igreja), do único e indiviso Povo de Deus.

3. Essa identidade do único Povo de Deus possibilita aos cristãos encontrar no NT a continuidade da ação divina em favor de Israel. Assim, por exemplo, a mulher do Apocalipse, que dá a luz e é arrebatada com o seu recém-nascido (cf. Ap 12,1-17), é símbolo da Igreja, mas também de Israel, uma vez que, em Cristo, Deus “se recordou de Israel, seu servo” (Lc 1,54). A promessa feita a Abraão se realiza no momento em que Abraão se torna também “nosso pai” (Rm 4,1; Tg 2,21; cf. Gl 3,7). Da mesma forma, todos os que forem salvos partilharão da salvação oferecida aos patriarcas do AT: “Muitos virão do Oriente e do Ocidente e se sentarão à mesa com Abraão, Isaac e Jacó, no reino dos céus” (Mt 8,11; cf. Lc 13,28s).

Leitura complementar

O diálogo com os irmãos de outras religiões

55. O diálogo interreligioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. Entendido como método e meio para um conhecimento e enriquecimento recíproco, ele não está em contraposição com a missão ad gentes; pelo contrário, tem laços especiais com ela, e constitui uma sua expressão. Na verdade, a missão tem por destinatários os homens que não conhecem Cristo e o seu Evangelho, e pertencem, na sua grande maioria, a outras religiões. Deus atrai a Si todos os povos, em Cristo, desejando comunicar-lhes a plenitude da sua revelação e do seu amor; Ele não deixa de Se tornar presente de tantos modos, quer aos indivíduos quer aos povos, através das suas riquezas espirituais, das

quais a principal e essencial expressão são as religiões, mesmo se contêm também «lacunas, insuficiências e erros». Tudo isto foi amplamente sublinhado pelo Concílio e pelo Magistério sucessivo, sem nunca deixar de afirmar que a salvação vem de Cristo, e o diálogo não dispensa a evangelização.

À luz do plano de salvação, a Igreja não vê contraste entre o anúncio de Cristo e o diálogo interreligioso; sente necessidade, porém, de os conjugar no âmbito da sua missão ad gentes. De fato, é necessário que esses dois elementos mantenham o seu vínculo íntimo e, ao mesmo tempo, a sua distinção, para que não sejam confundidos, instrumentalizados, nem considerados equivalentes a ponto de se puderem substituir entre si.

Recentemente escrevi aos Bispos da Ásia: «mesmo reconhecendo a Igreja de bom grado o quanto há de verdadeiro e de santo nas tradições religiosas do Budismo, do Hinduísmo e do Islam - reflexos daquela verdade que ilumina todos os homens -, isso não diminui o seu dever e a sua determinação de proclamar sem hesitações Jesus Cristo que é 'o Caminho a Verdade, e a Vida (...). O fato de os crentes de outras religiões poderem receber a graça de Deus e serem salvos por Cristo independentemente dos meios normais por Ele estabelecidos, não suprime, de fato, o apelo à fé e ao batismo que Deus dirige a todos os povos». Na verdade, o próprio Senhor, «ao inculcar expressamente a necessidade da fé e do batismo, ao mesmo tempo corroborou a necessidade da Igreja, na qual os homens entram pela porta do batismo». O diálogo deve ser conduzido e realizado com a convicção de que a Igreja é o caminho normal de salvação e que só ela possui a plenitude dos meios de salvação.

56. O diálogo não nasce de táticas ou de interesses, mas é uma atividade que apresenta motivações, exigências, dignidade própria: é exigido pelo profundo respeito por tudo o que o Espírito, que sopra onde quer, operou em cada homem. Por ele, a Igreja pretende descobrir as «sementes do Verbo», os fulgores daquela verdade que ilumina todos os homens - sementes e fulgores que se abrigam nas pessoas e nas tradições religiosas da humanidade. O diálogo fundamenta-se sobre a esperança e a caridade, e produzirá frutos, no Espírito. As outras religiões constituem um desafio positivo para a Igreja: estimulam-na efetivamente quer a descobrir e a reconhecer os sinais da presença de Cristo e da ação do Espírito, quer a aprofundar a própria identidade e a testemunhar a integridade da revelação, da qual é depositária para o bem de todos.

Daqui deriva o espírito que deve animar um tal diálogo, no contexto da missão. O interlocutor deve ser coerente com as próprias tradições e convicções religiosas e disponível para compreender as do outro, sem dissimulações nem restrições, mas com verdade, humildade, e lealdade, sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos. Não deve haver qualquer abdicação, nem irenismo, mas o testemunho recíproco em ordem a um progresso comum, no caminho da procura e da experiência religiosa, e simultaneamente em vista da superação de preconceitos, intolerâncias e mal-entendidos. O diálogo tende à purificação e conversão interior que, se for realizada na docilidade ao Espírito, será espiritualmente frutuosa.

57. Ao diálogo, abre-se um vasto campo, podendo ele assumir múltiplas formas e expressões: desde o intercâmbio entre os peritos de tradições religiosas ou com seus representantes oficiais, até à colaboração no desenvolvimento integral e na salvaguarda dos valores religiosos; desde a comunicação das respectivas experiências espirituais, até ao denominado «diálogo de vida», pelo qual os crentes das diversas religiões mutuamente testemunham, na existência quotidiana, os próprios valores humanos e

espirituais, ajudando-se a vivê-los em ordem à edificação de uma sociedade mais justa e fraterna.

Todos os fiéis e comunidades cristãs são chamadas a praticar o diálogo, embora não seja no mesmo grau e forma. Para isso é indispensável o contributo dos leigos, que «com o exemplo da sua vida e com a própria ação podem favorecer a melhoria das relações entre os crentes das diversas religiões» enquanto alguns deles poderão mesmo oferecer uma ajuda na pesquisa e no estudo.

Sabendo que muitos missionários e comunidades cristãs encontram, no caminho difícil e por vezes incompreendido do diálogo, a única maneira de prestar um sincero testemunho de Cristo e um generoso serviço ao homem, desejo encorajá-los a perseverar com fé e caridade, mesmo onde os seus esforços não encontrem acolhimento nem resposta. O diálogo é um caminho que conduz ao Reino e seguramente dará frutos, mesmo se os tempos e os momentos estão reservados ao Pai (cf. At 1, 7).

